

25 de Abril e a Memória Necessária

Aos meus caros leitores mais velhos, acima dos 50, peço que parem uns minutos, não mais que isso e relembrem memórias de há 42 e mais anos.

Aos mais novos peço um pouquinho de tempo mais, sugerindo que leiam, ou releiam, memórias desses tempos, ou que conversem com aqueles mais velhos, sobre liberdades, direitos e garantias dos cidadãos, reportadas a esse tempo e a este País.

Nenhuma conversa, muito menos atitude, que o Regime de então entendesse que o questionava, era tolerada (e as paredes tinham olhos e tinham ouvidos ...). Nenhuma imprensa, rádio ou televisão, podia produzir e divulgar conteúdos que não submetesse a apreciação e aprovação prévia pelas Comissões de Censura.

Precisando um pouco mais, nenhuma manifestação pública podia fazer-se sem autorização, nenhuma manifestação pública com divulgação de mensagens podia fazer-se sem a submissão a visto prévio de tais mensagens. Como os exemplos nos permitem apreender melhor e mais depressa as coisas cito um, simples e por isso muito significativo, vivido pessoalmente, com tanta tradição em Coimbra pois que se refere às “Latadas”.

A do meu curso realizou-se em 1968. Salazar caíra da cadeira e Marcelo Caetano acabava de ascender a Chefe do Governo.

A Comissão da Latada (Castanheira Neves, Redondo Lopes, Rodrigo Santiago e eu próprio) tinha feito um trabalho de compilação de piadas recolhidas de vários contributos do curso, a serem difundidas no cortejo em cartazes transportados pelos caloiros.

Tal compilação, de graçolas sobre professores, a vida académica e uma ou outra sobre actualidade política, foi enviada à Comissão de Censura, como era obrigatório.

Bem avisados que estávamos, estruturamos, ou desestruturamos como se preferir, a compilação a enviar, em texto tipo “redacção da Guidinha”, um tanto ao jeito de Saramago.

Dois problemas se puseram à Comissão de Censura: - alguma dificuldade na compreensão das piadas e o receio do exercício da censura num tempo em que se falava já da “Primavera Marcelista”.

Por isso foi então notificada a Comissão da Latada para comparecer a uma reunião da Comissão de Censura, no Governo Civil.

Coube-me essa representação.

Foi grande a insistência para que fizéssemos uma auto-censura, retirando umas quantas piadas, nomeadamente as que se referiam ao Professor e ex-Ministro da Justiça Professor Doutor Antunes Varela e ao Dr. Oliveira Salazar. Dissemos não e lá tiveram os censores que utilizar o célebre lápis azul (vermelho ... nem no lápis!!)

Guardo religiosamente “a prova do crime”.

Ainda assim, passaram piadas como “Ó MARTELO, Ó MARTELO, Ó MARTELO MARTELINHO, AGORA QUE JÁ MARTELAS NÃO SIGAS O MESMO CAMINHO”. Por via das dúvidas, no cartaz aparecia um “c” sobreposto ao “t” ...

O espectro de uma intervenção dos agentes da PIDE pairou sobre todo o cortejo, mas tudo chegou a bom porto.

Era uma festa, com umas quantas piadas caseiras. Nem assim a censura abrandava!

Veio-me isto à memória pela falta de memória que há dias alguns Deputados demonstraram na Assembleia da República.

Propôr-se uma qualquer Comissão para análise e aprovação prévia de “planos de cobertura jornalística” de eleições, a serem-lhe submetidos pelos “media”, ou proibição de comentários ou juízos de valor nas suas difusões noticiosas ou informativas, sob pena de fortes multas, faz lembrar os tempos

negros da censura prévia, da menorização dos cidadãos, das restrições à liberdade que oprimiam e sufocavam. Desses tempos, nem a sombra ...

Por isso nos causou tanto sobressalto, a que tínhamos direito a não ser submetidos, que na Casa da Democracia, na nossa A.R., tenha surgido uma proposta, apenas um documento de trabalho que fosse, ressuscitador de velhos fantasmas ainda mal mortos nos recônditos cantos da nossa memória.

Não se pretendia isso, admite-se!

Pois, mas não pude evitar e comigo certamente tantos outros, que os fantasmas tivessem ganho vida. Efémera, espero.